

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Educação não formal como meio de emancipação e desenvolvimento à cidadania

Por: Margarida Maria Sandeski¹⁹
margarida.sandeski@ifpr.edu.br

Carlos José Dalla Nora²⁰
carlos.dallanora@ifpr.edu.br

Resumo

Esse artigo tem como objetivo defender que a educação não formal poderá ser um instrumento de práxis pedagógica emancipadora e libertadora e será permeado pelos referenciais teóricos de Adorno e Freire que corroborarão tal defesa. A educação não-formal torna-se um instrumento que contribui com a sociedade, na medida em que faz o caminho inverso da educação formal, isto é, aproxima-se dos sujeitos, os reconhece em toda sua dinâmica social, histórica, cultural e, ao sair do formalismo, desenvolve e potencializa os sujeitos para assumirem um novo entendimento, mais humano e ético, construído pelo movimento dialético entre teoria e prática. A educação não-formal ao desenvolver nos sujeitos os valores da cidadania, enquanto ação consciente dos direitos e deveres, converge e fundamenta uma proposta educacional que tem como pilares a democracia, a cidadania e a emancipação. Não há como educar para a cidadania, se a ação não for democrática e tiver caráter autoritário. Aprende-se também por meio dos exemplos, portanto a educação para a cidadania vem em sentido contrário à rotina, ao que é preestabelecido, aos tabus ideológicos, às intenções ambíguas ou distorcidas. É, pois, indissociável dos processos de formação pessoal e social, estando em permanente construção.

19. É mestranda em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, especialista em Ensino Superior pelo Centro de Ensino Superior do Amapá – CEAP, licenciada em Pedagogia pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI – Campus de Frederico Westphalen-RS. É servidora pública federal - IFPR, docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico - EBBT, docente de Didática, Filosofia da Educação, Educação não-formal, Educação e cidadania, lotada no campus do Instituto Federal do Paraná – IFPR da cidade de Umuarama/ PR.

20 É mestrando em Economia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, especialista em Gestão Empresarial-MBA pela Fundação Getulio Vargas- FGV, Bacharel em Administração pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI – Campus de Frederico Westphalen-RS. É servidor público federal - IFPR, docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico - EBBT, docente de Gestão e Logística, lotado no campus do Instituto Federal do Paraná – IFPR da cidade de Umuarama/ PR



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Palavras-chave: Educação não formal; Emancipação; Cidadania.

Resumo

Tiu artikolo celas argumenti ke ne-formala edukado povas esti liberiga kaj emancipaj praxis eduko ilo kaj estas saturita per teoriaj kadroj de Adorno kaj Freire konfirmi tian defendon. Ne-formala edukado iĝas ilo kiu kontribuas al socio, en kiuj ĝi estas la alia maniero de formala eduko, te, alproksimigante la subjekto, ĝi rekonas en ĉiuj ĝiaj sociaj dinamikoj, historiaj, kulturaj kaj, ĝi lasis la formalismo, disvolvas kaj utiligas la temoj supozoj nova kompreno, pli homa kaj etikaj, konstruita de la dialektika movado inter teorio kaj praktiko. Neformala edukado por disvolvi la temon la valoroj de civitaneco, dum agado konscia de la rajtoj kaj devoj konverĝi kaj fondis eduka propono kiu estas fondita sur la demokratio, civitaneco kaj emancipiĝo. Ne estas maniero eduki por civitaneco, se la ago estas nedemokratia kaj aŭtoritata karaktero havas. Vi lernos ankaŭ tra ekzemploj, do la instruado de civitaneco venas en la kontraŭa direkto al la rutino, ĝi estas antaŭdeterminita, la ideologia tabuoj, la ambigua aŭ distordita intencoj. Estas do nedisigebla de la procezoj de persona kaj socia edukado, estante en permanenta konstruo.

Ŝlosilvortoj: neformala edukado; emancipiĝo; Civitaneco.

The authors did not send abstract in English.

Caminhos da Educação não formal para a emancipação do cidadão

O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém nos extraviamos.
 A cobiça envenenou a alma dos homens...levantou no mundo as muralhas do ódio... e tem-nos feito marchar a passo de ganso para a miséria e morticínios.
 Criamos a época da velocidade, mas nos sentimos enclausurados dentro dela.
 A máquina, que produz abundância, tem-nos deixado em penúria.
 Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco.
 Mais do que de máquinas, precisamos de humanidade.
 Mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura.
 Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido.
 Charles Chaplin (O GRANDE Ditador, 1940).



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A educação não-formal pode ser desenvolvida sem uma exigência de tempo e espaço, porém, deve ser pensada no coletivo e utilizando-se de métodos conforme a realidade e as necessidades identificadas nos sujeitos, nos espaços sociais, ou na demanda destes. Neste sentido, buscará elementos para a “formação dos indivíduos, como cidadãos, [...] no sentido de abranger e abarcar todos os seres humanos, independentemente de classe social, idade, sexo, etnia, religião etc.” (GOHN, 2010, p. 25).

Nas classes sociais em que o trabalho é realizado, deve-se levar em consideração o “desenvolvimento de novos valores, recuperação da autoestima, desenvolvimento de práticas solidárias, cidadãos” (GOHN, 2010, p. 27), tendo como base uma ação da práxis, que para Gohn (2010) refere-se a uma ação social engajada, pois tem como objetivo a busca pela emancipação humana e, assim, pode ser exercitada em todos os espaços sociais, humanos e naturais, diferente de uma ação que tem como prioridade a política que encurrala, paralisa e corrompe os sujeitos.

Adorno (1995, p. 169) ressalta que pela emancipação humana o sujeito adquire poder de decisão e coragem, servindo-se de forma autônoma do conhecimento e buscando entendimento, sem a tutela de outrem, pois o “esclarecimento é a saída dos homens de sua auto-inculpável minoridade”, fruto de um processo educacional que visa a preparação para o mercado de trabalho e, dessa forma, a educação passa a ter um caráter autoritário. Salieta ainda que “é efetivamente muito interessante este fenômeno da continuidade mundial do domínio da educação não emancipadora, embora a época do esclarecimento já vigore há tempos” (ADORNO, 1995, p. 173-174).

Freire (2010, p. 26) desafia a assumir uma postura de não neutralidade, de

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

uma adesão “à mudança que ocorre no sentido da verdadeira humanização do homem, de seu ser mais, ou fica a favor da permanência”, isto é, ao invés de emancipá-lo direciona o homem para o aprisionamento. Assim, o educador não formal, por sua opção, poderá frear as transformações, mitificar a realidade, dar um caráter assistencialista, imobilizador, de incapacidade, de manipulação, ou desvelá-la, potencializando e emancipando os sujeitos, o que irá determinar quais métodos ou técnicas serão utilizadas.

Por isso, da necessidade de ter como base uma ação da práxis, conforme aborda Gohn (2010), e que Adorno no texto “Notas Marginais sobre Teoria e Práxis” (p. 14) afirma que há uma relação de descontinuidade entre a práxis e a teoria, visto que para ele são “autônomas”, mas não independentes. Adorno sustenta que se a práxis utilizasse somente a teoria como condutora mestra, “endurecer-se-ia doutrinariamente e, além disso, falsearia a teoria”, pois poderia ser uma teoria alienante, determinada ideologicamente; e que as teorias mais eficazes seriam aquelas que foram construídas sem pensar em sua aplicação, uma vez que não sofreram influência em sua construção. E, assim sendo, conclui que sua interdependente autonomia dá condições para que se faça a confrontação crítica, numa aproximação distanciada:

A práxis é a fonte de onde a teoria extrai suas forças, mas não é recomendada por esta. Na teoria, ela aparece meramente, e mesmo de maneira necessária, como ponto cego, como obsessão pelo criticado; nenhuma teoria crítica pode ser desenvolvida nos aspectos particulares sem sobrestimar o particular; mas, sem a particularidade, ela seria nula. Enquanto isso, o ingrediente de ilusão que isso implica previne contra as transgressões em que ele continuamente se amplia (Notas Marginais sobre Teoria e Práxis, p. 14).



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Já Paulo Freire utiliza o termo *práxis* para caracterizar uma capacidade do homem de atuar e refletir. Afirma também que “é exatamente esta capacidade de atuar, operar e transformar a realidade de acordo com finalidades propostas pelo homem, à qual está associada sua capacidade de refletir, que o faz um ser da *práxis*”, da mesma forma ressalta que que o agir e o refletir, como constituintes inseparáveis da *práxis*, são a forma de existência humana, o que não significa que não estão condicionados, de modo absoluto, pela realidade em que o homem (FREIRE, 1983, p. 8).

Assim, o homem agindo sobre o mundo em processos de permanente mudança e estabilidade, se constrói carregado de história e cultura, isto é, cria um mundo “de acontecimentos, de valores, de ideias, de instituições. Mundo da linguagem, dos sinais, dos significados, dos símbolos. Mundo da opinião e mundo do saber. Mundo da ciência, da religião, das artes, mundo das relações de produção. Mundo finalmente humano” (FREIRE, 1983, p. 25). Porém, Freire, assim como Adorno, aponta o movimento de aproximação distanciada, por meio de um movimento dialético, como alternativa de uma *práxis* que não pode ser cristalizada.

Desta forma, pela educação não formal, os processos socioeducativos podem ser ressignificados, os objetivos construídos em conjunto e novos valores e atitudes possibilitarão mudanças no sujeito e, como resultado, na sociedade (PIRES, 2007, p. 32). Gohn (2010, p. 28) afirma que os processos socioeducativos não formais contribuem para que haja “emancipação e autonomia dos indivíduos, vistos como sujeitos do processo de construção de saberes e do próprio processo de conhecimento”.

A educação é a única forma do dominado emancipar-se, tornar-se um ser



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

crítico, fazendo a leitura de mundo e compreendendo seu entorno, ao mesmo tempo poderá desenvolver a autonomia ao não aceitar tudo que é posto, mas sim ao analisar e modificar a realidade. Desse modo, terá condições para opinar a favor ou contra uma determinada norma social imposta, adquirindo uma postura observadora com voz crítica, de maneira que se sinta pertencente àquele espaço em que cresceu e se desenvolveu, criando, conseqüentemente, raízes.

Esse sentimento de pertencimento, adquirido através da educação não formal, vai fazer com que o indivíduo que perdeu o entusiasmo pelos estudos e abandonou a educação formal volte. Contudo, muito mais crítico, consciente e podendo realizar a práxis. Em razão de sua consciência, fará parte das decisões de seu futuro, por conseguinte, sua confiança e a autonomia em relação aos processos decisórios farão a diferença, além de incentivar e motivar o resgate de outros indivíduos que desistiram.

Não se conseguirá avançar no trabalho sem antes avançar no desenvolvimento do próprio sujeito, como pessoa. É necessário um investimento pessoal no processo de autoconhecimento no que concerne a necessidades, desejos, emoções, sentimentos, suas motivações.... Assim reconhecendo-se, poderá realizar sua escolha com consciência e reconhecer os outros (FREIRE, 2010, p. 28).

Adorno, neste contexto, ressalta que, sendo mal desenvolvido, o sujeito não se reconhece e utiliza-se de um padrão comportamental²¹. Este padrão comportamental converte-se em “um padrão social, por essa via se perpetua também que os homens não são aqueles que eles mesmos são, portanto que eles são não-idênticos”, internalizando papéis opressores brutais e dominadores em sua vida,

21 Adorno utiliza o termo como a representação de um papel, como a do teatro, considerando-o “repugnante” (1995, p. 177).



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

repetindo tal comportamento da mesma forma que o receberam. Adorno (1995, p. 178) destaca que:

Há inúmeros adultos que no fundo apenas representam um ser adulto que nunca conseguiram ser totalmente, e assim possivelmente precisam sobre-representar sua identificação com tais modelos, exagerar, encher o peito, bravejar com voz adulta, só para dar credibilidade frente aos outros ao papel mal-sucedido para eles próprios. Creio que justamente esse mecanismo gerador da menoridade também pode ser encontrado entre certos intelectuais.

Pelo autoconhecimento, o processo de desenvolvimento da responsabilidade no que tange ao resultado das escolhas é mais eficiente. Desta forma, com consciência e por meio de uma ação emancipada, o sujeito responsabiliza-se pelas ações, gestos, pelo olhar, pelo como e a quem fala. Nesse processo de autoconhecimento contribui ao sujeito identificar virtudes, defeitos, potencialidades ocultas e que precisam ser desenvolvidas, a identificar as virtudes e os defeitos que precisam ser melhorados para ser cada dia mais feliz.

O sujeito, pela educação não formal, ao compreender que ele é responsável por seu desenvolvimento, mesmo sofrendo influência dos padrões sociais impostos pela classe dominante, estará mais atento ao outro, respeitando e aceitando, assim, seu modo de ser, além de compreender suas reações, seus comportamentos, como resultados de uma construção histórica. Sendo assim, ao criar vínculos de confiança, desarma-se e permite-se que processos educativos cuidadosos e permeados de afeto e amor sejam dados e recebidos, o que implica intercomunicação pelo respeito; a luta contra o egoísmo, contra uma educação imposta; amar os seres inacabados; compreender e ter esperança verdadeira no que pode vir a ser e na

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

permanente transcendência deste sujeito; não se ensina pelo medo, pela chantagem, pois ele “está no mundo e não com o mundo” (FREIRE, 2011, p. 15). Aprende-se, dessa forma, a enxergar sem preconceitos; aprendem-se diferentes maneiras de pensar, sentir, respeitar, escutar e agir; a trocar experiências, e a reconhecer os outros como seres humanos.

Paulo Freire (2010) ressalta que pelo resgate da história, raízes, origens, cultura, percebe-se o sentimento que se tem em relação a si mesmo, às pessoas, ao mundo. Compreende-se que é possível ressignificá-lo e construir uma nova história, pela aprendizagem do que se passa comigo, do que causa angústia, do que provoca irritação, do que tira a calma, do que magoa... E dessa forma, ao compreender que o outro também tem uma história de vida, muitas vezes até mais sofrida que a nossa, que poderemos nunca entender a dimensão de seus sofrimentos, mas poderemos ser empáticos, solidários e ter objetivos comuns.

Essa ação contribuirá para a compreensão de que todos somos ignorantes e sábios. Assim como não há ignorantes absolutos, existem graus de educação, são saberes diferentes, em constante superação (FREIRE, 2011, p. 14-15). A educação não formal dá a possibilidade de os profissionais não se colocarem em uma posição superior de quem ensina a um grupo de ‘ignorantes’, mas sim em uma posição de humildade, pois poderemos estar aprendendo muito mais.

Assim como a educação formal, a educação não formal possui intencionalidade, elas não se sobrepõem, mas complementam-se, pois estão interpenetradas. O educador não formal, contudo, partindo da cultura, experiências e vivências, utiliza-se delas como conteúdos a serem abordados na formação para a vida, empregando-as em discussões elementares, cotidianas, das simples às mais abstratas,

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

com vistas a contribuir para uma sociedade mais justa e equânime. Desta forma, ao desenvolver a cidadania, se coopera para a emancipação humana.

Ao buscar o desenvolvimento da cidadania, tendo em vista a emancipação, o grande desafio ao educador não formal, diante das diversidades culturais e históricas, é determinar o homem, seu processo de autoconstrução dentro do espaço social, como é o entendimento e a construção do homem diante de outros homens de “tornar-se homem do homem” (TONET, 2005).

Freire (2011, p.18) aborda a necessidade de conhecermos a natureza, a realidade, a “ontologia²² do ser sujeito do compromisso”, do mesmo modo que reconhecemos no indivíduo um ser com potencialidades, um ser que pode vir a ser, que necessita ser reconhecido, para então desenvolver a capacidade de “agir e refletir” (FREIRE, 2011, p. 19). Para que haja reflexão, é imprescindível que o sujeito do comprometimento pesquise com profundidade a realidade na qual está inserido, garantindo uma ação eficaz e eficiente. “Comprometimento implica comprometer-se com um homem histórico e concreto” (FREIRE, 2011, 19), isto é, conhecer a construção histórica como pessoa, o meio onde vive, identificando as necessidades, as potencialidades dos indivíduos e buscando caminhos que atendam a essa realidade histórica criada pelos homens. Desta feita, mediante a reflexão, podem-se criar instrumentos para discussão de como se vive em uma realidade criada, e pode-se, com um passo de cada vez, superar e transformar.

Paulo Freire (2010, p. 26) vem consolidar essa discussão ao abordar que:

22 A ontologia para Marx é a perspectiva utilizada por Freire, ao referir-se a “identificar o homem e a mulher, enquanto um ser real, material, dinâmico e social, ou seja, que se insere ou é inserido em determinados contextos social e historicamente constituídos pelos seres de igual natureza”, portanto é um homem real, concreto, constituído pelos enfrentamentos histórica e dialeticamente (BRAGHINI; DONIZETI; VERONESE, 2014, p. 2).



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A estrutura social é obra dos homens e que, se assim for, a sua transformação será também obra dos homens. Isto significa que a sua tarefa fundamental é a de serem sujeitos e não objetos de transformação. Tarefa que lhes exige, durante a sua ação sobre a realidade, um aprofundamento da sua tomada de consciência da realidade, objeto de atos contraditórios daqueles que pretendem mantê-la como está e dos que pretendem transformá-la.

Como então transformar a realidade? Por meio da identificação dos obstáculos, da atuação e reflexão permanentes, do compromisso com a humanização dos homens; do comprometimento com o mundo e com a realidade, compreendendo que nós só nos comprometemos pelo que temos paixão e pelo que conhecemos. Freire (2011, p. 9) aborda que “o verdadeiro compromisso é a solidariedade”, resultado das inter-relações, da permanente capacitação que contribui para que, utilizando-se do patrimônio cultural, haja responsabilidade com a formação de homens integrais, críticos e não ingênuos e reduzidos a “coisas”.

Assim, Freire (2010, p. 27) ressalta que ao optar pela mudança, pelo desenvolvimento da percepção crítica e, portanto, por um desenvolvimento emancipatório, ao homem, é possível ressignificar a percepção condicionada e ingênua, e por meio da atuação e reflexão a percepção mudará, da mesma forma é possível identificar “como realmente é: uma realidade histórico-cultural, humana, criada pelos homens e que pode ser transformada por eles” e, portanto, “capazes de objetivá-la”.

Identificar os homens desta forma, não é vê-los como vazios. O compromisso ocorre por meio de uma reflexão sobre sua realidade, que se transforma rapidamente, e da qual resulta sua inserção nela, um compromisso com o ser mais do homem, com a reflexão sobre o próprio homem, quem é, de onde vem, onde pode



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

estar, como pode ser mais. Como é um processo de mão dupla não ocorre somente com o outro, mas com todos os envolvidos. A educação, portanto, é uma resposta e uma busca do ser em ser mais, estando em permanente busca e em conjunto com outros seres que também querem ser mais (FREIRE, 2010, p. 27).

Por essa “via”, o educador não formal não é o detentor único do saber, nela está o processo dialógico em que a autonomia é dada e desenvolvida. A emancipação, desta maneira, irrompe pela democracia promovendo a criatividade e a crítica. Adorno (1995, p. 172) ressalta a preocupação não só com o educando, mas principalmente com o educador, norteador do processo, porquanto no lugar da emancipação poderá ser encontrado “um conceito guarnecido nos termos de uma ontologia existencial de autoridade, de compromisso, ou outras abominações que sabotam o conceito de emancipação, atuando assim não só de modo implícito, mas explicitamente contra os pressupostos da democracia”.

Por essa razão é que na educação não formal, bem como em todo processo educativo, sempre existirá intencionalidade, a qual deve ter como objetivo formar para a cidadania com vistas à emancipação humana. Destarte, priorizando os sujeitos alijados dos espaços sociais²³, isto é, da comunidade, bairro, família, rua, associações, assentamentos, etc., se está exercendo a cidadania (GOHN, 2006). Da mesma forma, ao contribuir para a formação do indivíduo, para que perceba seus direitos enquanto cidadão capaz de refletir e agir, está contribuindo para sua emancipação (FREIRE, 1981).

23 Compreende-se por espaços sociais, “os espaços em que a natureza é moldada pelo coletivo” e, dessa forma, como essa natureza forma o homem. É, pois, um campo de “inter-relações sociais” e culturais. Um espaço em que há a “construção social operada pelos diversos grupos sociais” e em que as classes sociais estão subjacentes (FERNANDES, 1992, p. 61-89).

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Ao pensarmos em processos educativos, antes é preciso ter como pré-requisito os sujeitos que fazem parte e são fruto das várias esferas da vida social e participam de sindicatos, política, cultura, trabalham, etc. Num primeiro momento, é preciso compreender como se desenvolve a cultura, as experiências e as vivências do grupo no qual estão inseridos; Num segundo momento, é possível ter elementos para preparar esses sujeitos por meio de “processos de aprendizagem e produção de saberes na sociedade como um todo”, preparando-os, deste modo, para a “formação de cidadãos livres, emancipados, portadores de um leque diversificado de direitos, assim como de deveres para com o (s) outro (s)” (GOHN, 2010, p. 32-33).

Gohn, analisando a dinâmica da educação não formal, adota este conceito como sendo:

Um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade. Ela designa um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem e produção de saberes, que envolve organizações/instituições, atividades, meios e formas variadas, assim como uma multiplicidade de programas e projetos sociais (2010, p. 33).

Assim sendo, formar o indivíduo para a cidadania e emancipação social, deve ser o eixo norteador e a intencionalidade consciente da educação não formal. Esta, ao contribuir para que os sujeitos realizem a leitura crítica do mundo, e a aprendizagem política dos seus direitos e deveres, permite que eles estejam mais aptos a atuar no mundo do trabalho. Por meio do desenvolvimento de habilidades, potencialidades, de fazer a leitura e a compreensão do que se passa ao seu redor; de determinar claramente quais são os interesses e os projetos que cada um e a maioria defendem; quais as práticas cidadãs, suas culturas e conteúdos, que possibilitam essa



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

leitura de auto-aprendizagem e aprendizagens adquiridas com base na experiência em ações coletivas, os indivíduos estarão aptos a se organizar com objetivos comunitários, lutando a seu tempo por suas individualidades.

As práticas da educação não formal se desenvolvem usualmente extramuros escolares, com o apoio de organizações, movimentos e outras formas de ações coletivas, utilizando-se da variedade dos gêneros textuais, de meios e recursos educativos específicos às necessidades dos sujeitos inseridos nos processos de ensino aprendizagem (GOHN, 2010, p. 33-37). Pela característica de como o trabalho educativo não formal é desenvolvido, Adorno (1995, p. 182) salienta que é possível a concretização da emancipação do sujeito ao efetivar aquelas “poucas pessoas interessadas nesta direção que orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contradição e para a resistência”, e aponta que:

Por exemplo, imaginaria que nos níveis mais adiantados do colégio, mas provavelmente também nas escolas em geral, houvesse visitas conjuntas a filmes comerciais, mostrando-se simplesmente aos alunos as falsidades aí presentes; e que se proceda de maneira semelhante pra imunizá-los contra determinados programas matinais ainda existentes nas rádios, em que nos domingos de manhã são tocadas músicas alegres como se vivessem num ‘mundo feliz’, embora eles sejam um verdadeiro horror; ou então que se leia junto com os alunos uma revista ilustrada, mostrando-lhes como são iludidos, aproveitando-se de suas próprias necessidades impulsivas; ou então que um professor de música, não oriundo da música jovem, proceda à análise dos sucessos musicais, mostrando-lhes por que um hit da parada de sucessos é tão incomparavelmente pior do que um quarteto de Mozart ou de Beethoven ou uma peça verdadeiramente autêntica da nova música (ADORNO, 1995, p. 182, grifo do autor).

Por essa razão é que Adorno (1995, p. 180-182) destaca que a emancipação é entendida “não como uma categoria estática, mas como uma categoria dinâmica,

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

como um vir-a-ser e não um ser”. Justifica a necessidade da existência de processos que despertem a consciência de como os homens são permanentemente enganados e esclarece que “a consciência de todos em relação a essas questões poderia resultar dos termos de uma crítica imanente, já que nenhuma democracia normal poderia se dar ao luxo de se opor de maneira explícita a um tal esclarecimento”. Se, de um lado, há esse confronto de um “vir-a-ser” desenvolvido pela educação não formal, de outro lado, há a mídia que se utiliza de propagandas para sobrepor a ideia desenvolvida com justificativas bem pensadas e que defendem implicitamente os interesses do capital.

Como dito anteriormente, a educação não formal não substitui a educação formal, antes se complementam. Por essa razão, é preciso ter claro qual é a sua função e objetivo, determinar as metodologias a serem utilizadas, os processos de avaliação e análise das ações desenvolvidas, e, além disso, definir como será a avaliação dos egressos desses processos educativos.

A educação não formal envolve aprendizagens de ordem subjetiva e desenvolve uma atividade de criação, que resulta no produto como fruto do trabalho realizado. Ao articular “escola e comunidade educativa localizada no território de entorno da escola” e espaços sociais, ela não pode ser uma imposição de valores da classe dominante, pelo contrário, deve considerar e desenvolver a autonomia dos cidadãos em relação ao pensar e ao fazer, tornando-os capazes de serem, agirem e terem capacidade para entender as “contradições globais, conviver com as fragmentações e os antagonismos de uma sociedade que faz dos conflitos a sua base de sustentação”, por conseguinte, “ela não deve ser definida pelo que não é, mas sim pelo que ela é” (GOHN, 2010, p. 38-41), visto que o objetivo é capacitar os indivíduos, por meio do desenvolvimento da autonomia “a enfrentar adversidades, mas também

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

como capacidade de recriar, refazer, retraduzir, ressignificar as condições concretas de vivência cotidiana a partir de outras bases, buscando saídas e perspectivas novas (GOHN, 2010, p. 42).

Aprendizagens, saberes e caminhos na Educação não formal

Quando processos de ensino e aprendizagem ocorrem e são internalizados, há modificação no comportamento do indivíduo. Mas para isso é necessário que as informações desenvolvidas façam sentido e sejam significativas. No que concerne à aprendizagem que ocorre no seio da educação não formal, Gohn (2010, p. 43-44) aponta a necessidade de aprendizagens (teórica, técnico-instrumental, política, econômica, cultural, cognitiva e social) e cita a prática por contribuir para o ‘como’ organizar, participar, unir-se e escolher. Neste caso a aprendizagem teórica vem mobilizar o sujeito por meio da conceituação de terminologias (solidariedade, emoções, sentimentos, inclusão social, Políticas Públicas, direitos, deveres, participação, cidadania, emancipação...) e, assim, fortalecendo-se pessoal e socialmente, ele poderá ousar concretamente.

Mediante aprendizagem técnico-instrumental, o sujeito fortalece sua autonomia ao identificar o funcionamento das burocracias, os trâmites, os papéis necessários, as leis que regulamentam os órgãos ou instituições, de forma a buscarem a concretização de seus objetivos comuns. Nessa aprendizagem, Adorno (1995, p. 175) conceitua como sendo a autoridade técnica o entendimento que um homem tem “mais de algum assunto do que outro; este conceito é “essencialmente psicossocial, que não significa imediatamente a própria realidade social [...]. [Contudo] adquire seu significado no âmbito do contexto social em que se apresenta”, ele ressalta que não



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

deve ser descartada²⁴.

Por meio da aprendizagem política, os sujeitos são capacitados a reconhecer seus direitos individuais, quem é quem dentro dos espaços sociais e, desta forma, dentro da burocracia e a superar obstáculos na busca por seus direitos; assim, a aprendizagem econômica capacitará para compreender o caminho da autonomia econômica, os custos e possível redução, os fatores de produção, os custos e como produzir com qualidade.

Numa outra categoria de aprendizagem, tem-se a cultural, que contribui para o fortalecimento e a criação da identidade do grupo, da mesma forma que reconhecer as diferenças, a diversidade e adversidades culturais, os enfrentamentos e, desta forma, o entendimento da intencionalidade da cultura política do grupo exige o reconhecimento das relações permanentes do “homem-realidade, homem-estrutura, realidade-homem, estrutura-homem” (FREIRE, 2010, p. 31) e que impõem uma forma de agir. Quando a aprendizagem cultural é apreendida, a aprendizagem linguística se fortalece, pois com ela ocorre a construção e o reconhecimento da linguagem que é comum ao grupo. Possibilita assim ler o mundo, decodificar temas e problemas, ressignificar tabus e, assim, diante do que é apresentado capacita-se a perceber e compreender seus interesses, sem sofrer influência determinante, contribuindo para que a aprendizagem simbólica seja desenvolvida, uma vez que se refere às representações existentes, ao que demandam e como se autorrepresentam.

Dessa forma, pela aprendizagem cognitiva irá utilizar-se de conteúdos, temas, problemas relevantes e de interesse, para que a aprendizagem reflexiva desenvolva práticas e experiências geradoras de saberes. Sendo assim, a aprendizagem

24 Consideramos, aqui, que a aprendizagem técnica pode ser desenvolvida, respeitada, e com os seus pares pode ser identificada, na medida em que os sujeitos se reconheçam capazes.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

social contribuirá com o como falar e ouvir em público, hábitos e comportamentos de grupo em diferentes espaços, e, conseqüentemente, a aprendizagem ética será possível mediante as vivências ou observação do grupo centradas em valores fundamentais, com vistas à construção de um campo ético-político, que fará com que o bem comum, a solidariedade, a cidadania e a emancipação possam ser desenvolvidos.

Por isso, saber aonde se quer chegar, contribuirá para que as aprendizagens fortaleçam as metas planejadas conjuntamente. Gonh (2010, p. 44) aborda que esse planejar conjuntamente é um processo de autodescoberta, de valorização e respeito pelos outros sujeitos e grupos, dado que com ele é possível: aprender a reconhecer, a respeitar e a conviver com as diferenças individuais, culturais; a reconhecer-se como indivíduo com identidade singular e do grupo, e assim faz-se necessário balizar regras de conduta éticas do grupo e aceitáveis socialmente.

Tornar acessível a todos a educação não formal é um caminho para a cidadania e emancipação. Ao levar em consideração a diversidade e a característica cultural dos sujeitos e do grupo, a possibilidade de uso dos espaços sociais possui na característica metodológica a flexibilidade e adaptação à realidade. Gradativamente, numa lógica de complexidades crescentes irá organizar, segundo a variedade de conteúdos, formas, modalidades, temas e problemas surgidos das necessidades, carências, desafios, obstáculos, da sistematização e do que é significativo na vida e nas ações humanas e empreendedoras. Portanto, ao construir de forma conjunta, contribui-se para a formação integral do indivíduo, motivando-o para a superação de contingências opressoras, a responsabilidade pelas decisões, o aprimoramento das carências que muitas vezes a educação formal, em virtude do tempo exíguo, é impedida de oferecer, tornando-se mais dinâmica e menos burocrática (GOHN, 2010,

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

p. 45-47), e como Adorno (1995, p. 176-177) ressalta, constrói-se uma “emancipação ilusória” nos estudantes, resultando em “superstição e nas dependências de todo um conjunto de manipulações”, causando, assim, a dependência e a necessidade de sempre serem solicitados a que sejam direcionados, ao invés de o professor “ter clareza quanto à sua tarefa principal que consiste em se tornar supérfluo”.

Os profissionais que atuam no processo de ensino-aprendizagem não formal, também chamados de “agentes mediadores no processo, educadores, mediadores, assessores, facilitadores, monitores, referências, apoios”, são de suma importância, visto que suas “visões de mundo, projetos societários, ideologias, propostas, conhecimentos acumulados” e intencionalidades, influenciarão no direcionamento que o grupo tomará e na característica deste grupo, nos projetos escolhidos, nas metas educativas, visões de mundo, valores defendidos e construídos, além de que no contato com outros sujeitos educadores “estabelecerão diálogos, conflitos, ações solidárias” (GOHN, 2010, p. 47-48).

Paulo Freire (2010) ressalta, porém, que esse conhecimento deve estar em permanente transformação, já que a realidade tende a condicionar os sujeitos e a torná-los estáticos. Portanto, é um processo de permanente emancipação social, política, econômica e cultural, que nos leva a pensar sobre vários temas na sociedade: direitos, poder, dominação, processos sociopolíticos como: participação, democracia, cultura, cidadania, liberdade, resistência, humanização, conscientização, etc, que contribui para se “refletir sobre o ser humano e sua trajetória de lutas em busca da libertação de toda a violência, da busca da paz e da felicidade” (GOHN, 2010, p. 56).

Adorno (1995, p. 179-181) aponta que o processo de emancipação “precisa ser acompanhado de uma certa firmeza do eu, da unidade combinada do eu, tal como

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

formada no modelo do indivíduo burguês”, isso representa o tamanho do confronto que o sujeito terá em seu percurso emancipatório, pois desde a infância foi inserido em instâncias mediadoras, neste caso a educação formal, que reproduzem o padrão dominante, isto é, “como a gente – e quem é ‘a gente’, eis uma grande questão a mais – pode enfrentá-lo”, no resgate de sua essência.

Assim, Adorno (1995, p. 185), em entrevista com Becker, vê-se diante da pergunta: Como aquele sujeito pelos processos educativos se torna emancipado, esclarecido, criticamente consciente, mas ainda tem seu comportamento direcionado? Adorno evidencia que:

Quero atentar expressamente para este risco. E isto simplesmente porque não só a sociedade, tal como ela existe, mantém o homem não-emancipado, mas porque qualquer tentativa de conduzir a sociedade à emancipação — evito de propósito a palavra "educar" — é submetida a resistências enormes, porque tudo o que há de ruim no mundo imediatamente encontra seus advogados loquazes, que procurarão demonstrar que justamente o que pretendemos se encontra, de há muito, superado ou então está desatualizado ou é utópico. Prefiro encerrar a conversa sugerindo a atenção dos nossos ouvintes para o fenômeno de que, justamente quando é grande a ânsia de transformar, a repressão se torna muito fácil; que as tentativas de transformar efetivamente o nosso mundo em um aspecto específico qualquer, imediatamente são submetidas à potência avassaladora do existente e parecem condenadas à impotência. Aquele que quer transformar provavelmente só poderá fazê-lo na medida em que converter esta impotência, ela mesma, juntamente com a sua própria impotência, em um momento daquilo que ele pensa e talvez também daquilo que ele faz.

Olhando a história da humanidade, reconhecemos que a emancipação é um velho sonho e uma promessa antiga. O processo de emancipação deve partir de quem a deseja não se deve esperar que a classe dominante a faça, pois para esta o que



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

lhe interessa é a manutenção do status quo (MARX, 2010), em vista disso, essa classe utiliza-se dos processos de educação formal como instrumento para que seu pensamento seja posicionado e universalmente válido, sendo, pois, racionalmente impositivos (ADORNO, 1995, p. 173). Neste sentido, requer que os cidadãos sejam conscientes e

protagonistas da história de seu tempo, [...] A educação contribui para a criação de uma cultura universal dos direitos humanos, desenvolvimento de sua personalidade, respeito às diferenças, atitudes de tolerância, amizade, solidariedade e fraternidade para com o semelhante (GOHN, 2010, p. 58).

A emancipação não deve ser vista como uma meta futura, mas sim uma prática social que deve ser iniciada hoje; a resistência é um dos valores necessários não só como a capacidade da força de resistir e enfrentar adversidades, mas também de recriar, refazer, retraduzir, ressignificar as condições de vivência cotidiana, buscando saídas e perspectivas novas. Paulo Freire afirma: “a educação sozinha não emancipa ninguém, mas sem ela não há emancipação”. O sujeito deve ter por meta a autodeterminação, ser livre de qualquer tipo de constrangimento que o possa aprisionar. Saber refletir sobre a realidade que não é estática,

perceber-se como sujeito histórico que pode se posicionar, emitir opiniões, fazer escolhas, construir rumos para sua vida.[...] Somente um indivíduo autônomo é capaz de processar e selecionar informações, ter domínio de conhecimento, tomar decisões, posicionar-se perante as incertezas e os conflitos globais (GOHN, 2010, p. 59).

Essa autonomia o leva a uma participação política, com a capacidade de ser, agir e entender as contradições do mundo globalizado. Assim, o processo

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

educativo, pela perspectiva da educação não formal, realiza-se numa mão dupla: ele aprende e ensina, sendo o diálogo o meio de comunicação, mas a sensibilidade e a colaboração são algo primordial. Os temas devem emergir de temáticas geradas no cotidiano daquele grupo e que tenham ligação com a vida, considerando a cultura local e o modo de vida. Todas as capacidades e potencialidades organizativas locais devem ser consideradas e resgatadas, como também os saberes historicamente acumulados pela humanidade (GOHN, 2010, p. 51-52).

Esse conhecimento ajuda a construir, em seu trabalho, espaços de cidadania no território onde atua. Representam uma alternativa aos meios tradicionais de informação a que os indivíduos estão expostos no cotidiano, via meios de comunicação. O trabalho com esses sujeitos poderá construir um tecido social novo em que as figuras de promoção da cidadania poderão surgir; assim, além do resgate da história, garantir acesso ao conhecimento e a informações atuais contribui para o desenho de cenários futuros. O futuro como possibilidade é uma força que alavanca mentes e corações, impulsiona para a busca de mudanças. Os sujeitos poderão desenvolver práticas significativas, qualificadas, estará apto a participar de processos sociais, como os conselhos gestores e os colegiados escolares, podendo construir ou reconstruir o tecido social existente, bastante fragmentado na atualidade (GOHN, 2010, p. 53-55).

Considerações

Vivemos em um mundo no qual a ciência e a tecnologia sempre estiveram ao serviço da classe dominante. Somos permanentemente incentivados ao consumo, direcionados, cerceados e vivemos em constante processo de alienação. Nossa atitude,



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

neste contexto, fará a diferença, mas isso implica comprometimento, saber previa e profundamente o que e em que se está envolvido, conhecer os dilemas e os desafios a enfrentar à frente, conhecer quem são os sujeitos envolvidos no processo.

A formação do ser humano ocorre no espaço familiar e no meio social. Na família tem início o processo de humanização, construção de valores, contudo, ela está contaminada pelo individualismo, pela competição, pelo lucro e acumulação de bens, portanto valores da classe dominante. Desta forma, ao percebermos que fazemos parte do mundo, que as escolhas e posturas diante da vida realizadas por cada um de nós nos afetam mutuamente positiva ou negativamente, poderemos agir de forma consciente e ética.

Dessa forma, ao deixarmos de reclamar e tomarmos uma atitude proativa, por meio de processos educativos que contribuam para que os indivíduos sejam agentes de transformação, que desvelem caminhos de liberdade, estaremos colaborando com o processo educativo e com a formação do cidadão, para que o sujeito aprenda a ouvir, a falar, a ser solidário, a não ser consumista, a ser cooperativo, a lutar pela paz.

Para que a verdadeira cidadania ocorra, é preciso construir espaços em que se possa exercitar a cidadania, por intermédio da adoção de uma nova postura, de escolhas, da exigência de uma consciência dos direitos e dos deveres dos cidadãos, da luta pela justiça, por homens mais humanos.

É preciso problematizar a realidade, confrontar o que está estável, percorrer o caminho por meio da dialética, proporcionar a desmitificação da realidade mitificada. Freire (2010, p. 30) salienta que “quanto mais verdadeiro for seu trabalho, quanto mais reais forem sua ação e reflexão em relação à ação e reflexão dos homens



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

com quem tem que estar em comunhão, colaboração, convivência”, mais se exigirá do educador o desafio de exercitar a práxis em seu fazer histórico.

A emancipação do sujeito, a mudança de percepção e a interpretação do mundo pode tornar-se realidade. Pela identificação da estrutura social dos homens, compreendendo que possuem um passado, que um dia foi presente, e um futuro que poderá ser presente, isto é, o homem é o único ser que pode inscrever na própria natureza o atributo de liberdade como um vir a ser, percebendo-o desse modo inserido no mundo e cuidando para que a visão acrítica não o mecanize e direcione para uma percepção dominante. Freire (2010, p. 33) destaca que ao educador não formal cabe problematizar “o homem, o que se opõe ao seu ‘hoje-anterior-presente’ da mudança estrutural, tentar a mudança de sua percepção da realidade” para uma percepção crítica. Portanto em Freire, é um processo que parte do homem e volta para o homem.

É importante que os sujeitos identifiquem que esse padrão de dominação se repete a cada época, somente é colocado de maneira diferente. Assim sendo, Adorno, Freire e Gohn vêm contribuir, mediante a análise dialética, para que sejam encontradas nos elementos históricos e atuais, nos espaços sociais, no que é apresentado como certo e aparentemente estável, as contradições. Em Gohn encontram-se as bases para a educação não formal, enquanto ação social engajada. Que se utiliza de práticas socioculturais de aprendizagem e produção de saberes como instrumento de resgate da autoestima, de novos valores, da construção e formação de indivíduos, de cidadãos, de seres humanos mais solidários, emancipados e autônomos. Em Adorno encontra-se a fundamentação para a necessidade da formação cultural, como berço dos complexos padrões comportamentais, culturais, artísticos, intelectuais que fazem parte de toda a formação do sujeito. Em Freire, a emancipação vem pela



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

mudança de mentalidade e pela conscientização da vida ética e política para uma prática cidadã. Ambas contribuem para um exercício reflexivo sobre o que é e está a nossa frente ou seja, para o processo de autonomia e emancipação humana.

Referências

- ADORNO, Theodor W. **Notas marginais sobre teoria e práxis**. Disponível em: <http://www.oocities.org/jneves_2000/tadorno1.htm>. Acesso em: 27 jun. 2014, 10:20.
- ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. Disponível em: <<http://www.verlaine.pro.br/txt/pp5/adorno-educacao.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2013.
- BRAGHINI, Nayara Carvalhaes; DONIZETI, Tânia Cristina de Oliveira; VERONESE, Renato Tadeu. “As bases sócio-históricas da ontologia do ser social: o trabalho”. In: **SIMPÓSIO MINEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS**, 3., 2014, Minas Gerais-BH. Anais eletrônico Minas Gerais-BH: CRESS 6ª Região,, 2014. Disponível em: <<http://www.cress-mg.org.br/arquivos/simposio/AS%20BASES%20S%C3%93CIO-HIST%C3%93RICA%20DA%20ONTOLOGIA%20DO%20SER%20SOCIAL.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2014.
- O GRANDE Ditador**. Produção de Charles Chaplin. EUA, Continental Home Vídeo, 1942. 1 DVD(125 minutos), preto e branco e legendado.
- FERNANDES, António Teixeira. “Espaço social e suas representações”. In: **COLÓQUIO IBÉRICO DE GEOGRAFIA**, 6., 1992, Porto. Anais eletrônicos...Porto: Instituto de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1992. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo6661.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2014.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.
- MARX, K. **Manuscritos econômicos e filosóficos**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.
- TONET, Ivo. **Cidadania ou emancipação humana**. Revista Espaço Acadêmico. n. 44, jan. 2005. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/044/44ctonet.htm>>. Acesso em: 28 jun.2014.
- PIRES, Pierre André Garcia. “A escola e sua contribuição na formação de sujeitos: um olhar a partir da nova concepção de currículo”. In: **Congresso de Letras: Linguagem e Cultura: Múltiplos Olhares**, 6., 2007. Caratinga, Anais eletrônicos Caratinga: Centro



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Universitário de Caratinga – UNEC, 2007. Disponível em:
<<http://bibliotecadigital.unec.edu.br/ojs/index.php/unec03/article/viewFile/282/408>>.

Acesso em: 19 set. 2013.